



## **DESCOLONIZAR O SABER DESDE UMA PEDAGOGIA FEMINISTA DECOLONIAL**

*DESCOLONIZAR EL CONOCIMIENTO DESDE UNA PEDAGOGÍA FEMINISTA  
DECOLONIAL*

*DECOLONIZING KNOWLEDGE FROM A DECOLONIAL FEMINIST PEDAGOGY*

Luciana Alves DOMBKOWITSCH<sup>1</sup>  
Márcia Alves da SILVA<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Grada Kilomba diz que o colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada. Uma ferida que dói sempre, por vezes infecta, e outras vezes sangra. Esse texto tem como ponto de partida pensar como a educação na América Latina se forja, fundada em uma episteme hegemonicamente eurocêntrica do saber tida como universal. Se propõe a problematizar a educação formal/informal, constituída a partir de um sistema mundo moderno colonial, segundo o qual, as relações de colonialidade são fundantes da modernidade. Essa proposta busca pensar a descolonização do saber como uma forma de resistência e insurgência em face das condições impostas pela colonialidade

<sup>1</sup> Especialista em Direito e Processo do Trabalho, Mestre em Direito e Justiça Social pela Universidade Federal do Rio Grande e doutoranda do Programa de pós-graduação em Política Pública e Direitos Humanos na Universidade Católica de Pelotas; Universidade Católica de Pelotas/Brasil; lucianadomb@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas, Doutora em Educação pela Universidade Vale do Rio dos Sinos e Pós-Doutora em Educação pela PUC-RS; Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas/Brasil; marcia@ufpel.edu.br

do poder. Como forma de resistência, busca alternativas em uma pedagogia feminista decolonial. Tal proposta se justifica, pela urgência de uma pedagogia feminista decolonial que transforme o modelo tradicional de educação, rompendo com a lógica universal do conhecimento moderno/colonial que articula as mais diversas formas de opressão, dentre elas, as de classe, raça e gênero. A pesquisa propõe então, um diálogo entre as teorias feministas decolonial e as teorias fundantes da interseccionalidade, tendo por base os diversos marcadores sociais da diferença. Esse estudo propõe através desta metodologia, buscar romper com esse conhecimento eurocentrado que se tornou hegemônico, e eliminar o sistema que alimenta diversas opressões, especialmente nos povos do Sul global, a partir de uma episteme que retroalimenta a colonialidade do poder e, conseqüentemente, a colonialidade de gênero. Contra a colonialidade do saber é urgente uma estratégia de decolonialidade da educação, como a única forma de romper-se com o monismo científico. A partir de uma epistemologia do sul global será possível romper com a geopolítica que impõe o eurocentrismo como a única e dominante ideologia, episteme, epistemologia e metodologia do conhecimento.

**Palavras-chave:** decolonial; pedagogia; feminismo

## RESUMEN

Grada Kilomba dice que el colonialismo es una herida que nunca ha sido tratada. Una herida que siempre duele, a veces infecta y a veces sangra. Este texto tiene como punto de partida pensar cómo se forja la educación en América Latina, fundada en una episteme hegemónica eurocéntrica del saber considerado universal. Propone problematizar la educación formal / informal, constituida a partir de un sistema mundial colonial moderno, según el cual las relaciones de colonialidad son los cimientos de

la modernidad. Esta propuesta busca pensar en la descolonización del conocimiento como una forma de resistencia e insurgencia ante las condiciones impuestas por la colonialidad del poder. Como forma de resistencia, busca alternativas en una pedagogía feminista decolonial. Esta propuesta se justifica por la urgencia de una pedagogía feminista decolonial que transforme el modelo tradicional de educación, rompiendo con la lógica universal del conocimiento moderno / colonial que articula las más diversas formas de opresión, incluidas las de clase, raza y género. A continuación, la investigación propone un diálogo entre las teorías descoloniales feministas y las teorías fundacionales de la interseccionalidad, a partir de los diversos marcadores sociales de la diferencia. Este estudio propone, a través de esta metodología, buscar romper con este saber eurocéntrico que se ha vuelto hegemónico, y eliminar el sistema que alimenta diversas opresiones, especialmente en los pueblos del Sur global, de una episteme que retroalimenta la colonialidad del poder y , en consecuencia, la colonialidad de género. Frente a la colonialidad del conocimiento, se necesita urgentemente una estrategia de descolonialidad en la educación, como única vía para romper con el monismo científico. Desde una epistemología del sur global, se podrá romper con la geopolítica que impone el eurocentrismo como única y dominante ideología, episteme, epistemología y metodología del conocimiento.

**Palabras clave:** decolonial; pedagogía; feminismo

## ABSTRACT

Grada Kilomba says that colonialism is a wound that has never been treated. A wound that always hurts, sometimes infects, and sometimes bleeds. This text has as its starting point to think about how education in Latin America is forged, founded on a hegemonically Eurocentric episteme of knowledge considered

universal. It proposes to problematize formal/informal education, constituted from a modern colonial world system, according to which coloniality relations are the foundations of modernity. This proposal seeks to think of the decolonization of knowledge as a form of resistance and insurgency in the face of the conditions imposed by the coloniality of power. As a form of resistance, it seeks alternatives in a decolonial feminist pedagogy. This proposal is justified by the urgency of a decolonial feminist pedagogy that transforms the traditional model of education, breaking with the universal logic of modern/colonial knowledge that articulates the most diverse forms of oppression, including those of class, race and gender. The research then proposes a dialogue between feminist decolonial theories and founding theories of intersectionality, based on the various social markers of difference. This study proposes, through this methodology, to seek to break with this Eurocentric knowledge that has become hegemonic, and eliminate the system that feeds various oppressions, especially in the peoples of the global South, from an episteme that feeds back the coloniality of power and, consequently, the gender coloniality. Against the coloniality of knowledge, a strategy of decoloniality in education is urgently needed, as the only way to break with scientific monism. From an epistemology of the global south, it will be possible to break with the geopolitics that imposes Eurocentrism as the only and dominant ideology, episteme, epistemology and methodology of knowledge.

**Keywords:** decolonial; pedagogy; feminism

## 1. Introdução e referencial teórico

O presente texto se propõe a problematizar a educação formal/informal, constituída a partir de um sistema mundo moderno colonial, “que associa as relações de

colonialidade como um lado inseparável e obscuro da modernidade”<sup>3</sup>. Esse texto tem como ponto de partida pensar como a educação na América Latina se forja, fundada em uma episteme hegemonicamente eurocêntrica do saber tida como universal, a qual Boaventura de Souza Santos denomina de Epistemologia do Norte Global.

A proposta apresentada pelo texto, qual seja, decolonizar o saber a partir de uma pedagogia feminista decolonial, caracteriza-se por ser uma alternativa de “luta” que, segundo Walsh, se coloca como uma forma de resistência e insurgência contra as condições e (im)possibilidades impostas pela colonialidade do poder<sup>4</sup>, como “decolonialidades”. Essa forma de luta, resistência e insurgência são denominadas por Walsh<sup>5</sup> como “ações pedagógicas” através de pedagogias outras, dada a emergência/urgência de uma pedagogia decolonial. No entanto, o texto se propõe ir além de uma pedagogia decolonial, atreve-se a dizer que a decolonização do saber necessita de uma pedagogia feminista decolonial, que traga de volta ao mundo da existência os sujeitos e seus saberes que foram ocultados pela modernidade colonial, dentre elas, especialmente as mulheres negras e indígenas.

É urgente uma pedagogia feminista decolonial que transforme o modelo tradicional de educação, rompendo com a lógica universal do conhecimento moderno/colonial que articula as mais diversas formas de opressão, dentre elas, as de classe, raça e gênero. Reconhecer a interseccionalidade desses diversos marcadores sociais e, dessa forma, buscar romper com esse conhecimento eurocentrado que se tornou hegemônico, é eliminar o sistema que alimenta diversas opressões, especialmente nos povos do Sul global, a partir de uma episteme que retroalimenta a colonialidade do poder e, conseqüentemente, a colonialidade de gênero. A colonialidade, enquanto fruto do colonialismo e que atualiza constantemente esses processos de manutenção das mais diversas estruturas de poder, se sustentam a partir do patriarcado e da opressão e exploração das pessoas que vivem do mundo do trabalho e também de

---

<sup>3</sup> PEIXOTO, Rodrigo; FIGUEIREDO, Kércia. *Colonialidade do poder: conceito e situações e decolonialidade no contexto atual*. In: CASTRO, Edna; PINTO, Renan (orgs.). *Decolonialidade e sociologia na América Latina*. Belém: NAEA: UFPA, 2018.

<sup>4</sup> QUIJANO, 2005

<sup>5</sup> WALSH, Catherine. *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Tomo II. Quito: Ediciones Abya Yala, 2017.

todas as formas de riquezas locais capazes de suprirem as necessidades vorazes do capitalismo globalizado, hoje representado pelo neoliberalismo.

Dessa forma, essa escrita parte de nossas atuações como docentes e enquanto mulheres feministas. Nosso texto busca problematizar a ciência hegemônica, baseada em princípios universalizantes do conhecimento, desde a perspectiva do norte global e alicerçada em uma perspectiva universalizante, eurocêntrica e patriarcal de conhecimento, na intenção de trazer uma contribuição para os estudos feministas, buscando uma aproximação e um diálogo entre o feminismo decolonial e a educação. Para isso, primeiramente, vamos buscar uma aproximação com o conceito de colonialidade para, na sequência, tratar do feminismo decolonial e interseccional, percebendo estes elementos como chave para a construção de uma pedagogia feminista decolonial. O referencial teórico parte de diversos autores e autoras, como Boaventura de Souza Santos, Catherine Walsh, Aníbal Quijano, Maria Lugones, Carla Akotirene, Patrícia Hill Collins, dentre outros e outras, importantíssimos para a discussão proposta.

## 2. Método. Colonialidade do poder

A ideia de se pensar e construir uma pedagogia feminista decolonial para descolonizar o saber, pressupõe a noção de colonialidade do poder e do saber. Para isso, podemos identificar em Quijano o pesquisador que primeiro cunhou o termo colonialidade. Para desenvolver esse conceito, Quijano parte do conceito de raça, como sendo central na construção da colonialidade. Para ele, a compreensão de raça muda radicalmente no processo de colonialismo que se estabeleceu na dominação dos povos do Sul pelos do Norte, pois o que se origina como diferenças fenotípicas entre colonizados e colonizadores, logo se constrói uma compreensão de raça como cor e que traz em seu âmago a noção de inferioridade e superioridade.

Dessa forma, a raça se torna o alicerce que legitima o processo de dominação dos povos europeus colonizadores sobre os povos originários locais. Para Quijano, a ideia de raça

[...] desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. Desse modo, raça converteu-se

no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade <sup>6</sup>

Para Quijano, a representação do modelo de um mundo dominado pela Europa significou a incorporação dos povos colonizados desse modelo eurocentrado que os colocou nas formas mais subalternizadas nessa estrutura, configurando uma subjetividade que se manteve, mesmo ao longo do tempo e com o distanciamento histórico da exploração imposta pelo processo de colonização. Esse quadro se mantém no imaginário dos povos locais, e esse elemento é denominado por Quijano como colonialidade.

Segundo Peixoto e Figueiredo<sup>7</sup>, Quijano contribui de forma fundamental para a percepção de como as relações de poder se estruturam em nossa sociedade, estando,

[...] pois, no reconhecimento de que raça é um poderoso construto ideológico que opera como instrumento de dominação. Raça e também gênero, enredados em classes sociais, estruturam a distribuição de poder entre as pessoas. E cada formação social específica combina tais elementos de uma maneira própria para classificar socialmente.<sup>8</sup>

Para autores como Quijano, a Europa é uma invenção da América, já que a Europa moderna não existia antes da invasão ocupação dos territórios que hoje constituem a América. A modernidade se constitui a partir da América hispânica, assim como com a América surgiu a ideia de raça, já que antes da ocupação, não existia índio, negro, mestiço ou branco, isso tudo é uma invenção da modernidade. Estas novas identidades se constituíram como categorias hierarquicamente organizadas, colocando os nativos americanos como inferiores aos europeus, assim como os negros em relação de inferioridade em relação aos brancos.

Segundo a concepção de Quijano de colonialidade do poder, a categoria raça se constitui como o instrumento central de dominação e ancora o poder mundial americano e eurocêntrico a partir de categorizações que passaram a ser central para a diferenciação entre moderno/tradicional, civilizado/bárbaro, humano/não humano, válido/não válido. Pode-se afirmar que esse sistema

<sup>6</sup> QUIJANO, 2005a, p.118.

<sup>7</sup> PEIXOTO, Rodrigo; FIGUEIREDO, Kércia. *Colonialidade do poder: conceito e situações e decolonialidade no contexto atual*. In: CASTRO, Edna; PINTO, Renan (orgs.). *Decolonialidade e sociologia na América Latina*. Belém: NAEA: UFPA, 2018.

<sup>8</sup> *Ibidem* p.127-128.

mundo/modernidade/colonialidade cria o racismo e aprofunda o patriarcalismo e as opressões de classe, na medida em que aprofunda o capitalismo.

A colonialidade do poder classifica os grupos sociais na sua estrutura de poder a partir de três grandes categorias: classe, raça e gênero. Por essa razão, tem-se que a modernidade nasce eurocêntrica e violenta, classificando as pessoas em termos raciais, desumanizando as populações nativas de negros e de indígenas, com a finalidade de lhes tomar seus territórios e de explorar sua força de trabalho.

### A necessária de(s)colonialidade do conhecimento

O sistema mundo moderno colonial coloca na centralidade da sua existência a visão eurocêntrica de mundo, segundo o qual, o saber científico nasce com a modernidade europeia, enquanto berço do evolucionismo e do pensamento civilizado, trazendo para si “[...] a hegemonia mundial do eurocentrismo como modo de produção e de controle da subjetividade e, em especial, do conhecimento”<sup>9</sup>.

Segundo Quijano, a perspectiva eurocêntrica de construção e controle da subjetividade e do conhecimento distorceu, quando não aniquilou, toda a experiência histórico-social da América Latina, criando um desencontro entre as experiências, os conhecimentos e as memórias históricas dos povos tradicionais indígenas e quilombolas. Para o autor,

[...] a América Latina não só continua prisioneira da colonialidade do poder e de sua dependência, mas sim, precisamente devido a isso, inclusive arrisca não chegar ao novo mundo que se vai configurando na crise atual, a mais profunda e global de todo o período da colonial/modernidade<sup>10</sup>.

Boaventura de Souza Santos cunhou e conceituou a categoria Epistemologias do Sul, como sendo as que “[...] se referem à produção e validação dos conhecimentos ancorados nas experiências de resistência de todos os grupos sociais que sistematicamente têm sofrido a injustiça, a opressão e a destruição causada pelo

---

<sup>9</sup> QUIJANO, 2005b, p.10

<sup>10</sup> *Ibidem*, p.15.



capitalismo, o colonialismo e o patriarcado”<sup>11</sup>. O Sul, segundo Santos<sup>12</sup>, não é geográfico, é epistêmico e político, é pois, uma metáfora do sofrimento produzido e causado pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcalismo.

Contribuindo com essa ideia, Santos<sup>13</sup> afirmou que o pensamento ocidental moderno é um pensamento abissal, que consiste em manter distinções visibilizadas mas também não visíveis, que são estabelecidas através de uma linha imaginária (abissal) que divide a realidade social em dois espaços distintos: o que (e quem) fica em um lado dessa linha e os que permanecem do outro lado. Essa representação da realidade busca facilitar a compreensão de mundos distintos que, sendo relacionados entre si, pois não são nada independentes um do outro, se configuram em uma estrutura que mantém a manutenção dos processos de colonialidade, pois apenas uma parte da humanidade se constitui como universal, invisibilizando e destruindo os saberes, conhecimentos e culturas da outra parte. Em relação a historicidade desse processo, Santos disse que

O meu argumento é que esta realidade é tão verdadeira hoje como era no período colonial. O pensamento moderno ocidental continua a operar mediante linhas abissais que dividem o mundo humano do sub-humano, de tal forma que princípios de humanidade não são postos em causa por práticas desumanas. As colônias representam um modelo de exclusão radical que permanece atualmente no pensamento e práticas modernas ocidentais tais como aconteceu no ciclo colonial<sup>14</sup>.

### 3. Feminismo decolonial e interseccional

O feminismo decolonial surge da constatação de que os conceitos de raça e gênero, isoladamente, deixam sujeitos do lado de fora. Para as feministas decoloniais, as categorias negro e mulher deixam vários sujeitos do lado de fora das discussões por

<sup>11</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa. *Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia Essencial*. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas / compilado por Maria Paula Meneses... [et al.]. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018a.

<sup>12</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa. *Demodiversidade: imaginar novas possibilidades democráticas*. 1ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018b.

<sup>13</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; Meneses, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009. p. 23-72.

<sup>14</sup> *Ibidem* p. 31.

reconhecimento, entre eles estão, por exemplo, a mulher negra e a mulher indígena. Muitas críticas foram feitas por feministas, como por exemplo a filósofa Maria Lugones.

Na intersecção entre “mulher” e “negro” há uma ausência onde deveria estar a mulher negra, porque precisamente nem “mulher” nem “negro” a incluem. A intersecção nos mostra um vazio. Por isso, uma vez que a interseccionalidade nos mostra o que se perde, ficamos com a tarefa de reconceitualizar a lógica da a lógica da intersecção, para, desse modo, evitar a separação das categorias existentes e o pensamento categorial<sup>15</sup>.

Lugones (2020) foi uma investigadora da intersecção entre raça, classe, gênero e sexualidade, em especial acerca de mulheres vítimas da colonialidade do poder e aborda tais questões sob a ótica do que chama de colonialidade do gênero. A autora aponta a existência de dois blocos importantes acerca do tema, de um lado os feminismos das mulheres negras dos Estados Unidos e os feminismos das mulheres do Terceiro Mundo, e de outro lado, o trabalho de Aníbal Quijano sobre colonialidade do poder. A autora reconhece a grandiosa importância do cruzamento dessas duas linhas de análise.

Lugones aponta uma crítica ao que Quijano cunhou como sendo “sistema moderno-colonial de gênero”. Para ela, o eixo colonialidade não é suficiente para dar conta de todos os aspectos do gênero. Para a autora,

[...] “colonialidade” não refere apenas à classificação racial. Ela é um fenômeno mais amplo, um dos eixos do sistema de poder e, como tal, atravessa o controle do acesso ao sexo, a autoridade coletiva, o trabalho e a intersubjetividade/intersubjetividade, atravessa também a produção do conhecimento a partir do próprio interior das relações intersubjetivas<sup>16</sup>.

A interseccionalidade é um dos eixos fundamentais do feminismo decolonial, pois abriu um enorme leque de novas possibilidades de análise e atuação do feminismo. Segundo Akotirene <sup>17</sup>, “a interseccionalidade instrumentaliza os movimentos antirracistas, feministas e instâncias protetivas de direitos humanos a lidarem com as pautas das mulheres negras”. A autora faz um alerta, no sentido de que não se cometa o engano de pensar que a interseccionalidade seja apenas sobre múltiplas identidades, já que se trata, efetivamente, de uma lente analítica e metodológica sobre a interação estrutural e seus efeitos jurídicos e políticos.

<sup>15</sup> LUGONES, María. *Colonialidade e gênero*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p.60.

<sup>16</sup> *Ibidem* p.64.

<sup>17</sup> AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade?* Coord. Djamila Ribeiro. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018. p.57

A interseccionalidade se tornou marca registrada do feminismo negro, e há muito vem sofrendo apropriação do feminismo liberal. Embora se atribua o termo a escritora norte-americana Kimberlé Crenshaw, a compreensão do conceito de interseccionalidade tem como origem o discurso de improviso proferido pela mulher negra e ex-escrava Sojourner Truth em 1851. Ela proclama um discurso na Convenção dos Direitos da Mulher de Ohio fazendo a seguinte pergunta para a plateia: Não sou eu mulher? Neste discurso, Truth denuncia a diferença existente entre mulheres brancas e negras, afirmando que, entre outras coisas, a ela nunca um homem ajudou a subir em uma carruagem. Dessa forma, seu discurso denunciou a diferença entre mulheres brancas e negras e o quanto a classe social era determinante nessa configuração pois, enquanto mulheres brancas eram tidas como frágeis, necessitadas de proteção, mulheres negras eram forçadas a todo tipo de trabalho. Dentre tantas representações das mulheres negras, elas eram tidas como insaciáveis sexualmente, por isso estavam justificados os estupros como regra.

Enquanto isso mulheres brancas lutavam pelo direito de trabalhar fora de casa, nos espaços públicos, enquanto mulheres negras escravizadas começavam a trabalhar forçosamente desde crianças. Mulheres brancas lutavam contra a maternidade compulsória, enquanto mulheres negras tinham na maternidade uma fonte de renda para seus proprietários. Mais adiante, mulheres brancas lutavam pelo direito a métodos contraceptivos, enquanto mulheres negras eram esterilizadas à força nos Estados Unidos. Dessa forma, é possível perceber que, historicamente, muitas foram as diferenças que marcaram a constituição do sujeito mulher, a depender de sua cor e de sua origem de classe.

Dessa forma, a interseccionalidade é indispensável para a desconstrução do conceito da mulher universal construído pelo feminismo branco, sendo urgente a articulação entre os marcadores de violência de raça, classe, gênero, sexualidade, capacidade e etariedade. No entanto, é importante atentar para o que alerta Patrícia Hill Collins, no sentido da armadilha existente na competição entre os mais excluídos, não pode-se construir hierarquias entre os mais diversos eixos de opressão. Henning afirmou que

[...] autoras tendiam a trabalhar com a interseccionalidade, em alguns casos a tendência foi a de se reforçar certos cruzamentos de marcadores de diferença em detrimento de outros que se tornavam secundarizados (como o reforço na tríade, quase “mantra”: raça, classe e gênero), ou, então, frisar a preeminência de um marcador sobre os demais, seja, por exemplo, classe

social em relação à “raça” e gênero no caso de algumas correntes marxistas<sup>18</sup>.

O feminismo decolonial possui uma vasta representação teórica. Podemos citar a representação do feminismo negro norte americano, por Angela Davis, Patrícia Hill Collins, bell hooks<sup>19</sup>, Audre Lorde, Kimberlé Crenshaw, Sojourner Truth. Feministas Chicanas, como Glória Anzáldua e feministas latino-americanas, como Lélia Gonzales, Conceição Evaristo, Maria Lugones, Rita Segatto, Luiza Bairros, dentre muitas outras.

O feminismo decolonial ainda tem como representação potente a contribuição da portuguesa Grada Kilomba e da francesa Françoise Vergès. Esta última traz um recorte de gênero, raça e classe muito significativo. Ela afirma que “o capitalismo produz inevitavelmente trabalhos invisíveis e vidas descartáveis”<sup>20</sup>. Segundo a autora, bilhões de mulheres se ocupam noturnamente da tarefa de limpar as cidades, ou melhor, de limpar o mundo.

A vida confortável de mulheres da burguesia só é possível em um mundo onde milhões de mulheres racializadas e exploradas proporcionam esse conforto, fabricando suas roupas, limpando suas casas e os escritórios onde trabalham, tomando conta de seus filhos, cuidando das necessidades sexuais de seus maridos, [...] <sup>21</sup>.

A autora defende um feminismo de política decolonial que se apoie

[...] na longa história das lutas de suas antepassadas, mulheres autóctones durante a colonização, mulheres reduzidas à escravidão, mulheres negras, mulheres nas lutas de libertação nacional e de internacionalismo subalterno feminista nos anos 1950-1970, mulheres racializadas que lutam cotidianamente nos dias de hoje<sup>22</sup>.

Vergès rechaça as práticas das feministas ditas civilizatórias, uma vez que entende que “[...] uma feminista que não luta pela igualdade de gênero, que se recusa a ver como a integração deixa as mulheres racializadas à mercê da brutalidade, da

<sup>18</sup> HENNING, Carlos Eduardo. *Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença*. Dossiê - Desigualdades e Interseccionalidades. Mediações, Londrina, v. 20, n. 2, p. 97-128, jul./dez. 2015.

<sup>19</sup> As iniciais do nome são escritas com letras minúsculas por opção/determinação da própria autora.

<sup>20</sup> VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. São Paulo: Editora Ubu, 2020.

<sup>21</sup> *Ibidem*. p. 17-18.

<sup>22</sup> *Ibidem* p. 28-29

violência, do estupro e do assassinato, acaba por ser cúmplice de tudo isso”<sup>23</sup>. A autora faz uma dura crítica às feministas liberais que exploram outras mulheres, na sua maioria, mulheres pobres e negras. É necessário um feminismo que lute contra todos os sistemas que relegaram a inexistência todos os saberes científicos, estéticos de categorias inteiras de seres humanos através do epistemicídio e genocídio dos povos originários das Américas e dos povos das Áfricas que foram capturados e escravizados.

#### 4. Considerações finais: por uma Pedagogia Feminista Decolonial

Segundo Ocaña, López e Conedo, a educação é uma das estratégias da colonialidade, pelo qual constitui pedagogias, currículos e didáticas através de uma lógica eurocêntrica. A educação moderna oculta sua lógica e retórica colonial. Os autores citam Palermo argumentando, que

la pedagogía moderna/occidental no puede reconocer ni visibilizar las diferencias entre los seres humanos, por cuanto su intención formativa es homogeneizar y estandarizar, de ahí que sea una pedagogía colonizante. Frente a la diversidad/ diferencia/lo otro/lo distinto/lo heterogéneo, la respuesta fue hacer que todo se parezca al modelo europeo colonial<sup>24</sup>.

Contra a colonialidade do saber é urgente uma estratégia de decolonialidade da educação, como a única forma de romper-se com o monismo científico. A partir de uma epistemologia do sul global será possível romper com a geopolítica que impõe o eurocentrismo como a única e dominante ideologia, episteme, epistemologia e metodologia do conhecimento.

São necessárias pedagogias outras, que neguem esta colonialidade epistêmica, que vem operando há mais de seis séculos de forma silenciosa e vitoriosa em nossos sistemas educativos e em nossas teorias pedagógicas. Não é mais possível o apagamento de pedagogias ancestrais, diversas, singulares e emergentes de configuração do conhecimento, simplesmente por não serem europeias ou americanas.

<sup>23</sup> *Ibidem* p. 29.

<sup>24</sup> PALERMO, 2014 apud OCAÑA, Alexander Ortiz, LÓPEZ, María Isabel Arias, CONEDO, Zaira Esther Pedrozo (orgs.). *Decolonialidad de la educación: emergencia/urgencia de una pedagogía decolonial*. Santa Marta: Universidad del Magdalena, 2018. p. 78-79.

Por esta razão, é urgente uma pedagogia feminista decolonial para descolonizar o saber, descolonização esta, que segundo Vergès, se trata de uma verdadeira luta por justiça epistêmica “[...] contra a política de roubo justificado, legitimado e praticado sob os auspícios ainda vivos de uma missão civilizatória” (2020, p.31) <sup>25</sup>Os feminismos decoloniais devem se inscrever em um

[...] amplo movimento de reapropriação científica e filosófica que revisa a narrativa europeia do mundo. Eles contestam a economia-ideologia da falta, essa ideologia ocidental-patriarcal que transformou mulheres, negros/as, povos indígenas, povos da Ásia e da África em seres inferiores marcados pela ausência de razão, de beleza ou de um espírito naturalmente apto à descoberta científica e técnica<sup>26</sup>.

Uma pedagogia feminista decolonial deve estar a serviço das lutas antirracistas, anticapitalistas, anti-imperialistas e anticoloniais. Uma pedagogia constituída por feminismos decoloniais que busquem reumanizar o mundo e seus saberes. Deve questionar acerca daquilo que não está visível, deve lutar por uma abordagem pedagógica multidimensional e intercultural, evitando hierarquias e preconceitos. Deve por exemplo, repensar a questão da temporalidade escravidão/abolição, rechaçando a ideia de que a escravidão é coisa que ficou no passado, para então, compreender como ela moldou o mundo moderno, como ela inventou o mundo branco.

Diante de mudanças sem precedentes no mundo capitalista globalizado, vê-se contestado os paradigmas epistemológicos da modernidade/colonialidade como fonte de apreensão da realidade social. Uma pedagogia feminista decolonial é capaz de que estremecer o campo da geopolítica Norte-Sul, “[...] marcada pela relação desigual e conflitual no campo do conhecimento, do social, do econômico, do político, do cultural, do científico-tecnológico”<sup>27</sup>

Boaventura Santos e Maria Paula Menezes, defendem que as pesquisas e as discussões acerca da desigualdade epistemológica no mundo devam se articular e se relacionar dialeticamente às lutas contra as desigualdades socioeconômicas e políticas. Para os autores, a descolonização da ciência passa pelo reconhecimento de

<sup>25</sup> VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. São Paulo: Editora Ubu, 2020. p. 31.

<sup>26</sup> *Ibidem*.

<sup>27</sup> CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes; SILVA, Severino Bezerra da. *Educação popular e sua renovação crítica: um diálogo com as Epistemologias do Sul*. Educação em Questão, Natal, v. 56, n. 47, p. 200-220, jan./mar. 2018. p. 201.

que “[...] não há justiça social global sem justiça cognitiva global. A justiça cognitiva global só é possível mediante a substituição da monocultura do saber científico pela ecologia dos saberes”<sup>28</sup>

O conhecimento eurocêntrico tido como universal se coloca como o conhecimento do mundo, mas segundo Santos, não se trata de um conhecimento do mundo, mas de um conhecimento particular de mundo, que exclui e nega os demais conhecimentos, epistemes e epistemologias. Negas outros sujeitos e outros lugares e seus modos de pensar e de existir. Trata-se de um conhecimento científico monocultural, portanto autoritário e excludente. Por isso, são necessárias

[...] a construção de caminhos de resistência e de alternativas contra-hegemônicas passa tanto pela renovação da teoria crítica como pela reinvenção da emancipação social. Isso implica a crítica ao colonialismo e ao capitalismo conjuntamente, bem como ao patriarcado, e a identificação do Sul como terreno contraditório e conflitivo, que carrega a marca da violência capitalista, colonialista e patriarcal e da subalternidade dos povos e grupos sociais oprimidos, mas, também, de potência de sujeitos emergentes e de novas experiências sociais plurais e complexas<sup>29</sup>.

Ocaña, López e Conedo<sup>30</sup> falam em pedagogizar o decolonial e em decolonizar a pedagogia, tudo isso a partir de práticas, tais quais: pedagogias que promovam práticas insurgentes de resistir, existir e de viver; pedagogias que se sustentem nas lutas e práticas de orientação decolonial; que rompam com o monólogo da razão moderno/ocidental/colonial; que visibilizem uma geopolítica do saber identitária existencial; que se configure por uma ação social transformadora e de insurgência.

Catherine Walsh<sup>31</sup> é uma pensadora contemporânea que tem se dedicado na construção dos alicerces de uma pedagogia decolonial latino-americana. Walsh parte da crítica aos processos de colonialidade e busca resgatar os saberes da ancestralidade dos povos tradicionais de Abya Yala, o qual os colonizadores

---

<sup>28</sup> *Ibidem*. p. 204

<sup>29</sup> *Ibidem*.

<sup>30</sup> OCAÑA, Alexander Ortiz, LÓPEZ, María Isabel Arias, CONEDO, Zaira Esther Pedrozo (orgs.). *Decolonialidad de la educación: emergencia/urgencia de una pedagogía decolonial*. Santa Marta: Universidad del Magdalena, 2018. p. 78-79.

<sup>31</sup> WALSH, Catherine. *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Tomo I. Quito: Ediciones Abya Yala, 2013.

WALSH, Catherine. *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Tomo II. Quito: Ediciones Abya Yala, 2017.

chamaram simplesmente de América. Abya Yala<sup>32</sup> é um termo dos povos Kunas, que abrange um processo identitário dos povos tradicionais com sua origem. Silva (2019) justifica seu uso quando afirmou que

Retomo esse contexto e esse termo de forma a ressaltar a noção de pertencimento cultural e político, como elemento fundamental na construção de uma epistemologia feminista decolonial pois, da mesma forma que os povos originários sofreram com o processo de colonialismo, as mulheres pertencentes a esses povos também sofreram o mesmo processo, aliado ao estabelecimento de um sistema patriarcal machista eurocêntrico<sup>33</sup>.

Walsh teve a oportunidade de trabalhar com Paulo Freire nos Estado Unidos, e sua obra teve forte influência do pensamento freiriano. Walsh<sup>34</sup> viu em Freire um enorme potencial em aproximar e entrelaçar o pedagógico com o político, elemento que ela traz na construção de uma pedagogia feminista decolonial. Freire, em sua obra, teve uma preocupação central com as condições existenciais dos povos oprimidos, tendo um recorte de classe muito explícito em sus escritos. Da mesma forma, Walsh resgata essa característica quando trata dos povos latino-americanos, oprimidos pela colonialidade.

Walsh<sup>35</sup> identificou certos limites na obra de Freire, especialmente no que tange ao relacionamento do processo de dominação colonial com a perspectiva racial e de gênero. Para ela, é fundamental que nessa aproximação do pedagógico com o decolonial, se construa alternativas críticas às concepções tradicionais e preconceituosas de índios, negros, negras, mulheres, e outras categorias que são inferiorizadas e menosprezadas na cultura ocidental hegemônica, sob o alicerce dos marcadores sociais de gênero e raça.

Portanto, está claro o quanto se faz urgente a construção de uma pedagogia feminista decolonial que inter-relacione as questões de classe, raça, gênero e sexualidade, descortinando todas as formas de opressão e de subjugação hierarquizada a partir do modelo mundo moderno/colonial.

---

<sup>32</sup> Para conhecer mais, ver <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/a/abya-yala>

<sup>33</sup> SILVA, Márcia Alves da. Construindo uma epistemologia feminista decolonial em Abya Yala: narrativas de mulheres camponesas do MST. In: SILVA, Márcia Alves da; ROSA, Graziela Rinaldi da (orgs.). *Pedagogias populares e epistemologias feministas latino-americanas*. Curitiba: Brazil Publishing, 2019. p. 193.

<sup>34</sup> WALSH, Catherine. *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Tomo I. Quito: Ediciones Abya Yala, 2013.

<sup>35</sup> *Ibidem*.



## Referências bibliográficas

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Coord. Djamila Ribeiro. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

CASTRO, Edna; PINTO, Renan Freitas (orgs.) **Decolonialidade e sociologia na América Latina**. Belém: NAEA: UFPA, 2018.

CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes; SILVA, Severino Bezerra da. **Educação popular e sua renovação crítica: um diálogo com as Epistemologias do Sul**. Educação em Questão, Natal, v. 56, n. 47, p. 200-220, jan./mar. 2018.

HENNING, Carlos Eduardo. **Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença**. Dossiê - Desigualdades e Interseccionalidades. **Mediações**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 97-128, jul./dez. 2015.

LUGONES, María. **Colonialidade e gênero**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p.59-93.

OCAÑA, Alexander Ortiz, LÓPEZ, María Isabel Arias, CONEDO, Zaira Esther Pedrozo (orgs.). **Decolonialidad de la educación: emergencia/urgencia de una pedagogía decolonial**. Santa Marta: Universidad del Magdalena, 2018.

PEIXOTO, Rodrigo; FIGUEIREDO, Kércia. **Colonialidade do poder: conceito e situações e decolonialidade no contexto atual**. In: CASTRO, Edna; PINTO, Renan (orgs.). **Decolonialidade e sociologia na América Latina**. Belém: NAEA: UFPA, 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005a. p.117-142.

QUIJANO, Aníbal. Dossiê América Latina. **Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina**. Estudos Avançados, v.19, n.55, 2005b. p. 09-31.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia Esencial**. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas / compilado por Maria Paula Meneses... [et al.]. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018a.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Demodiversidade: imaginar novas possibilidades democráticas**. 1ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018b.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes.** In: SANTOS, Boaventura de Sousa; Meneses, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul.** Coimbra: Almedina, 2009. p. 23-72.

SILVA, Márcia Alves da. **Construindo uma epistemologia feminista decolonial em Abya Yala: narrativas de mulheres camponesas do MST.** In: SILVA, Márcia Alves da; ROSA, Graziela Rinaldi da (orgs.). **Pedagogias populares e epistemologias feministas latino-americanas.** Curitiba: Brazil Publishing, 2019. p. 191-210.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial.** São Paulo: Editora Ubu, 2020.

WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir.** Tomo I. Quito: Ediciones Abya Yala, 2013.

WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir.** Tomo II. Quito: Ediciones Abya Yala, 2017.